

Jornalística (Tradução)

Em breve



 **ENG** [Journalistic translation](#) **CAT** [Traducció periodística](#) **EUS** [Kazetaritza itzulpena](#) **GLG**
[Tradución xornalística](#) **SPA** [Traducción periodística](#)

origens

Esta denominação é dada à atividade de tradução realizada no setor jornalístico.

outros nomes

No mundo anglo-saxão, o termo *news translation* ('tradução de notícias') está muito difundido, mas *journalistic translation* ou *tradução jornalística* é preferível por ser um conceito mais amplo que contempla não apenas notícias, mas todas as variedades textuais do jornalismo (entrevistas, reportagens, artigos de opinião e outros).

resumo

A *tradução jornalística* é a atividade de tradução que ocorre nos meios jornalísticos (impressos e digitais, revistas, meios audiovisuais, agências de distribuição jornalística, agências de notícias e outras empresas do setor). As práticas profissionais do jornalismo influenciam a forma como os textos jornalísticos são traduzidos e reformulados para novas audiências. Sempre com uma particularidade: o trabalho puramente linguístico está subordinado ao trabalho informativo.

No jornalismo, a tradução está integrada às tarefas de produção de conteúdo e é considerada mais uma parte da ocupação jornalística, e não uma distinta. Os redatores devem gerar novas informações; se para isso eles precisam traduzir, o fazem. E o fazem de várias maneiras que, por vezes, não coincidem com o conceito tradicional de tradução. Sua finalidade, às vezes, não é reproduzir um determinado original, mas, a partir dele, produzir novas informações para um meio de comunicação concreto, que as publica com uma determinada função. A tradução jornalística

abrange usos muito flexíveis que respondem às necessidades funcionais dos meios de comunicação.

A tradução jornalística está inserida em uma conjuntura de interesses políticos e econômicos. A indústria da comunicação controla o fluxo de informação internacional para fins comerciais e também ideológicos. Informação e opinião tornaram-se um produto estratégico mundial que é vendido e distribuído em um sistema comercial controlado por grandes grupos. Nesse contexto, as empresas jornalísticas utilizam a tradução para atingir novas audiências e alcançar um maior impacto social.

registro

 María José Hernández Guerrero

 2022

 Hernández Guerrero, María José 2022. "Tradução jornalística" @ *ENTI (Enciclopédia de Tradução e Interpretação)*. AIETI.

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.7606946>

 https://www.aieti.eu/enti/journalism_POR

Entrada



ENG Journalistic translation CAT Traducció periodística EUS Kazetaritza itzulpena GLG Traducción xornalística SPA Traducción periodística

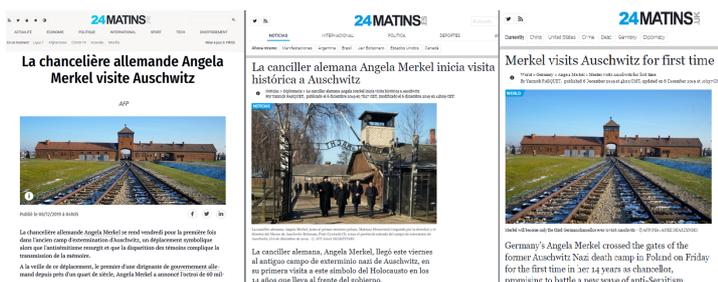
conteúdo

[Introdução](#) | [A tradução do material jornalístico: Fontes estáveis e instáveis](#) | [A tradução da informação](#) | [A tradução da opinião](#) | [Potencial de pesquisa](#)

Introdução

O jornalismo está intimamente ligado à tradução desde a sua criação, seja na forma de publicações que são jornais autênticos traduzidos, ou em publicações que alternam entre artigos traduzidos e a produção jornalística própria. Ambas as formas permanecem na contemporaneidade. As primeiras manifestações do jornalismo na Espanha surgem a partir do século XV. Entre os primeiros casos documentados de tradução jornalística estão a *Gazeta romana, y relación general, de auisos de todos los Reynos y Provincias del mundo*, publicado em Sevilha em 1618, e três números da *Gazeta de Roma* impresso em Valência entre 1618 e 1621, traduzido do italiano (Espejo 2013: 79). Desde então e até hoje, a tradução está integrada à engrenagem da produção jornalística e seu papel evoluiu ao longo dos séculos. Valdeón (2012) apresenta um percurso histórico completo a nível internacional que começa no século XVII e chega aos nossos tempos. A estreita ligação entre jornalismo e tradução intensificou-se ao longo do tempo para se tornar, sem exagero, uma relação autêntica de dependência, pois hoje seria muito difícil conceber o jornalismo sem tradução.

A internacionalização da informação produziu fluxos contínuos de transferência de informação que atravessam fronteiras em processos complexos que só são possíveis graças à tradução. As novas tecnologias da informação agilizaram o processo, independentemente do suporte (jornalismo impresso, audiovisual e digital ou multimídia).



As empresas do setor desempenham uma dupla função, seletiva e difusora: selecionam e filtram a informação, dão-lhe um tratamento, estilo e linguagem determinados em função de seus destinatários, ao mesmo tempo em que a marcam ideológica e culturalmente. Traduzir, nessas empresas, é mais uma

Edições em francês, espanhol e inglês do portal francês notícias [24matins](#).

tradicional do termo é de difícil aplicação. O objetivo da mídia não é reproduzir os originais, mas produzir novas informações que respondam às expectativas da audiência local e aos interesses (econômicos, políticos, ideológicos...) do grupo de comunicação.

A tradução na mídia é constante. No processo de geração da informação, o fluxo incessante do texto traduzido se dilui e se mistura com o texto jornalístico que é produzido nas redações e, assim, passa a fazer parte da própria produção da mídia. A esta invisibilidade da tradução soma-se a transparência: uma forma de abordar a mediação na qual os textos se adaptam às normas da cultura receptora, minimizando as diferenças linguísticas e culturais com vistas à fluência. O público prefere receber a informação na sua própria língua e da forma como a recebeu convencionalmente.

[voltar ao topo](#)

¶ A tradução do material jornalístico: Fontes estáveis e instáveis

A mídia traduz uma grande variedade de textos, como notícias, notícias de agências, entrevistas, reportagens, crônicas e artigos de opinião. Esse fluxo de informação circula em escala planetária e a mídia seleciona e traduz de acordo com suas necessidades e interesses. No entanto, a maneira de traduzir essa ampla gama de variedades textuais não é uniforme. As análises de traduções (Hernández 2005, 2009, 2010) permitem distinguir duas formas muito diferentes de abordar a tradução deste material jornalístico: quando se considera o texto definitivo (fonte estável) e quando não é considerado o texto definitivo (fonte instável). Esta diferença pode estar vinculada à classificação textual em [gêneros jornalísticos](#), respectivamente argumentativos (opinião) ou informativos e interpretativos (informação). Embora existam exceções, os textos informativos (notícias, despachos, reportagens, entrevistas) são fontes instáveis e podem sofrer modificações substanciais. Já os textos argumentativos (colunas, tribunas, artigos de opinião), em contraste, são considerados materiais acabados e sua integridade é respeitada.

peça do complexo processo de elaboração da informação jornalística. As formas de utilização da tradução não são uniformes, o que dá origem a formas variadas, desde o texto que reproduz fiel e integralmente o conteúdo do original, até outras mais flexíveis onde a noção

EL PAÍS FORO DAVOS SUSCRÍBETE

Bolsonaro anima a los ejecutivos de Davos a invertir en el nuevo Brasil

El presidente de Brasil defiende, sin muchos detalles, el comercio por delante de la reforma fiscal y la esperada reforma del sistema de pensiones por parte de los inversores

ALICIA GONZÁLEZ (ENVIADA ESPECIAL)

Davos - 23 ENE 2019 - 15:33 CET

EL PAÍS ECONOMIA ASSINE

EM DISCURSO RELÁMPAGO EM DAVOS >

O breve discurso de Bolsonaro decepciona em Davos

Falta de detalles sobre medidas concretas gera frustração na audiência do Fórum. "Foi um pouco decepcionante, mas a verdade é que as metas que fixou foram alentadoras", avalia o economista-chefe da seguradora de riscos IHS

ALICIA GONZÁLEZ

Davos - 23 ENE 2019 - 13:32 UTC

Uma notícia de El País, traduzida em sua edição para o Brasil.

Textos informativos

Os textos informativos focam em expor fatos, se desatualizam e devem ser modificados para dar conta de sua evolução. São textos inacabados (fontes instáveis) que se prestam à reescrita; este material, em suas diferentes fases de produção, passa por diversos mediadores que dispõem de grande liberdade para atualizá-los. Nessa jornada, o trabalho do jornalista/tradutor costuma implicar que os textos sejam encurtados ou ampliados, acrescentando ou suprimindo informações, num processo de reescrita que acaba por adaptá-los às necessidades da empresa. Os autores vão para o segundo plano e a informação prevalece sobre outras considerações. No processo de tradução, é comum manipular e transformar textos.

PAUL KRUGMAN

No, el coronavirus no es bueno para EE UU

Hasta que punto debería asustarnos el coronavirus? No soy epidemiólogo, pero lo he hecho de bastante modo. No es una nueva enfermedad, sino que he visto de bastante modo. No es una nueva enfermedad, sino que he visto de bastante modo. No es una nueva enfermedad, sino que he visto de bastante modo.

También parece bastante posible que el virus influya en muchos datos económicos, aunque no nos mate, podría matar muchos empleos. Y una fuente de preocupación especial es que altos cargos del Gobierno de Trump estén diciendo tonterías sobre la amenaza económica.

Pues bien, acerca de esa amenaza económica muchos están equivocados para decirnos con el brote de síndrome agudo respiratorio severo (SARS) en 2002-2003 que también se originó en China. Al igual que el brote actual, el SARS provocó la imposición de cuarentenas perturbadoras para la economía y que parecen haber tenido un significado, aunque temporal, efecto adverso sobre la economía china y un moderado impacto negativo en el comercio de la economía mundial.

Aún no sabemos si el coronavirus es más o menos peligroso que el SARS. Lo que sí sabemos es que probablemente las consecuencias económicas mundiales de una pandemia en China sean mucho más graves ahora que entonces "intermedias" que una combinación de la razón de que China es un actor mucho mayor que antes.

En 2002, China estaba aún en las primeras líneas de un gran crecimiento económico, equivalentes al 8% del valor añadido del sector de la fabricación mundial, muy inferior al porcentaje de Estados Unidos, Japón y Europa. Hoy, sin embargo, China

es el taller del mundo, y representa más de la cuarta parte de la producción mundial.

Ahora bien, lo que mejor pensamos que los problemas de China tienen un lado positivo, es que una parte buena del enorme sector de la fabricación china brindaría oportunidades a los productores de otros países, entre ellos Estados Unidos. Es decir, podrían pensarlos si no superan nada sobre la economía del siglo XXI.

Y como no, Wilbur Ross, el secretario de Comercio, que es el martes por la mañana en Fox Business para declarar que "no quiere hablar de una nueva epidemia", pero que el coronavirus "ayudará a acelerar el retorno de puestos de trabajo a Norteamérica". Al decir eso, demotivaba dos cosas: (1) por que los lectores de Fox Business lo votaron como el peor miembro del Gabinete de Trump, y (2) por que la guerra comercial de Trump ha sido un gran fracaso.

Lo que Ross y sus compañeros por lo visto quieren entender — aunque algunos a lo mejor empiezan a hacerse una idea — es que la fabricación moderna no es como la de hace dos generaciones, cuando los sectores industriales de los diferentes países se encontraban envueltos en una competencia mano a mano bastante directa. Hoy en día, vivimos en un mundo de cadenas de valor globales, en el que buena parte de lo que en un país cualquiera importa no consiste en bienes de consumo, sino en componentes de otros países, que forman parte de su propio proceso de producción.

En un mundo así, cualquier cosa que altere las importaciones — ya sean aranceles o virus — aumenta los costos de producción y, en consecuencia, en todo caso perjudica al sector fabril. De hecho, un estudio reciente llevado a cabo por la Reserva Federal concluyó que los aranceles



Miembros del equipo de seguridad de China patrullan en Pekín, visosos ar...

El virus de bastante modo y una fuente extra de preocupación es que altos cargos de Trump digan tonterías

Las consecuencias económicas de una pandemia en China ahora son mayores a cuando se originó el SARS

de Trump, que se concentraban en mercancías intermedias, no han aumentado la producción y el empleo en el sector de la fabricación, sino que los han reducido. Y claro, mientras que el crecimiento económico total en 2019 fue decente (no fenomenal) la industria manufacturera está en recesión. O la incertidumbre creada por la guerra comercial puede explicar por qué la inversión empresarial ha disminuido a pesar de la enorme rebaja de los impuestos sobre sociedades.

Como ya he dicho, parece que algunos miembros del equipo de Trump ya han caído en la cuenta. La semana pasada, la Casa Blanca ha disminuido bastante los aranceles sobre el acero y el aluminio han hecho más que bien, y han perjudicado a los sectores que antes se preparaban para afrontar estas condiciones si se vuelven graves — y centromos en la economía.

Lo que me decebe al coronavirus, dejemos a un lado las cuestiones de salud pública — aunque el Gobierno de Trump nos ha dejado claramente mucho menos preparados que antes para afrontar estas condiciones si se vuelven graves — y centromos en la economía.

Lo que podemos decir es que si el virus altera seriamente la producción china, su impacto en la economía estadounidense será como una variación extrema de la guerra comercial de Trump, pero sin compensaciones en forma de ingresos aranceles.

Y las dos cosas que sabemos de la guerra comercial son que ha sido un fracaso económico y que al parecer el equipo de Trump sigue sin tener ni idea de por qué ha sido.

Tengan en cuenta que, hasta ahora, Trump ha tenido una suerte extraordinaria. Aparte del huracán María — un asunto que gestionó mal, y en el que fallecieron miles de estadounidenses —, precisamente no ha afrontado crisis, internas o extranjeras, que no fueran culpa suya. Y es claro desde de una panda incapaz de pensar con claridad lo que significaría sobre la capacidad del presidente para afrontar una crisis que no ha procesado el mismo.

Si los lectores comentan que Wilbur Ross el martes sirvió para hacerlos una idea y me parece que el Gobierno de Trump está aún menos preparado para afrontar las consecuencias económicas de una posible pandemia que para afrontar la crisis de salud pública. Asimismo.

Paul Krugman es premio Nobel de Economía. El New York Times, 2020. Traducción de News Clips.

Textos de opinião

Os textos de opinião servem para divulgar as ideias ou juízos de valor normalmente levantados sobre eventos que foram notícias mais ou menos recentes e são considerados uma fonte estável. Os autores assumem um papel especial porque são autoridades de prestígio. Quando o original é uma fonte estável, o texto de chegada geralmente é uma tradução completa. Trata-se, em geral, de textos fixos, artigos assinados, com direitos autorais (copyright) que restringem a liberdade de ação do mediador. O texto se adapta ao novo quadro comunicativo e, embora possa apresentar algumas modificações por parte do jornalista/tradutor e do editor, ainda quer ser reflexo do original e seu status é o de uma tradução. Por isso, muitas vezes inclui certas marcas paratextuais que permitem reconhecê-lo como tal (como uma nota de rodapé com a assinatura do tradutor).

Tradução de um texto de opinião do jornal El País.

A distinção entre fontes estáveis e instáveis simplifica demais as formas de traduzir. Em suma, é muito útil para analisar a atividade de tradução dos meios de comunicação. A transferência de originais em outros idiomas é realizada de maneira diferente, dependendo de se tratar de informação ou opinião.

[voltar ao topo](#)

A tradução da informação

Quando a informação é traduzida, a transferência transcultural é determinada pelas necessidades de informação do meio receptor e seu público. O jornalista/tradutor produz uma mensagem para um novo grupo de receptores e reescreve seu conteúdo pensando neles. As análises textuais trouxeram à tona operações de domesticação (Clausen 2004, Bassnett 2005) que permitem remodelar o material em outros idiomas para adaptá-lo às expectativas de seus receptores e à linha editorial das empresas do setor. Vuorinen (1995: 170) aponta estas quatro operações: omissão,

adição, substituição e reorganização, as mesmas que são utilizadas para processar a informação na produção jornalística.

Bielsa e Bassnett, em seu estudo sobre o funcionamento da tradução nas agências de notícias, constatam que traduzir pode envolver todo tipo de manipulação textual, incluindo síntese, omissão, explicação e muitas outras estratégias textuais. Para Bielsa & Bassnett (2009: 64), as modificações mais frequentes as quais o texto de partida é submetido no processo de tradução são as seguintes:

- Mudança de título e linha fina.
- Eliminação de informações desnecessárias.
- Adição importante de informações básicas.
- Mudança na ordem dos parágrafos.
- Resumo das informações.

Para explicar as mudanças substanciais ao traduzir a informação, pesquisadores têm recorrido a vários processos que influenciam nesta transformação –alguns deles enraizados na prática jornalística–, como seleção de informação, transedição, recontextualização, localização e a reescrita. Vejamos com mais detalhe a seguir.

O processo de escolha das informações (gatekeeping process) é utilizado para designar os pontos que atuam como barreiras, responsáveis por rejeitar ou decidir quais acontecimentos se tornam notícias. Os *gatekeepers* – os porteiros ou guardiões – são aqueles que detêm o poder de permitir ou bloquear informações em um meio. Quem traduz a informação também funciona como *gatekeepers* ou seja, funcionam como um filtro e selecionam quais partes de um texto jornalístico serão divulgadas e como. Nas palavras de Fujii (1988: 36), desempenham estas quatro funções: controlar a quantidade do texto, adaptá-lo ao novo contexto, acrescentar informações e reorganizar sua estrutura. Valdeón (2016) aprofunda o papel dos jornalistas/tradutores como seletores e manipuladores da informação.

Transedición termo cunhado por Stetting (1989: 371), designa a usual combinação de tradução e edição no campo jornalístico. Os editores lidam com material em outros idiomas e processam essas informações para seus artigos. Para Stetting (1989: 377), a transedição abrange esses três tipos de adaptação:

1. o padrão de eficiência na expressão.
2. a função estabelecida para o novo texto no novo contexto social.
3. as necessidades e convenções da cultura de chegada.

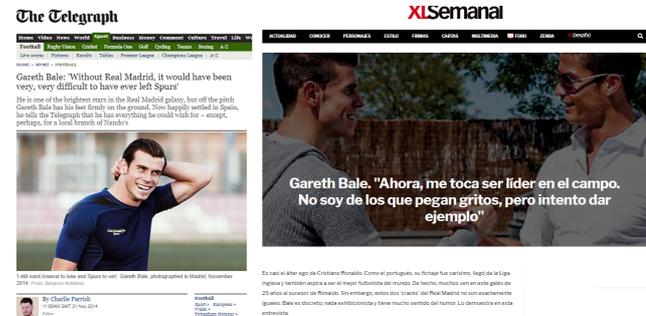
No processo de transedição, adota-se a forma de uma modalidade textual da cultura receptora. Nem todas são questões formais: uma parte importante da intervenção textual é condicionada por fatores extratextuais. O meio é decisivo: decide o que se traduz, estabelece com que função e o transmite com o selo de sua linha editorial.

A informação tem que funcionar em seu novo contexto sociocultural e, para isso, os profissionais dos meios de comunicação não apenas a filtram, traduzem e editam, mas também a recontextualizam para o meio de comunicação local e sua audiência. Para Verschueren (2007: 79-80), o processo de recontextualização de um texto afeta seu significado, sua função e sua recepção: um texto traduzido não implica apenas deslocamento linguístico, mas também contextual

e cultural. O processo de recontextualização transforma a mensagem e a informação é apresentada de uma perspectiva diferente. Segundo Schäffner e Bassnett (2010: 8), a recontextualização implica sempre uma transformação, determinada pelos objetivos, princípios e interesses do novo contexto.

As transformações apresentadas pelas notícias traduzidas também têm sido associadas ao conceito de *localização*. Para Pym (2004: 4), os textos também são produtos materiais que se distribuem no tempo e no espaço. As notícias internacionais que lemos na imprensa local podem legitimamente ser consideradas uma localização de textos em outras línguas, transformados, em certa medida, por agências internacionais. Orengo (2005) afirma que as notícias se constituem como o primeiro produto de informação global localizado, ou seja, distribuído em vários idiomas simultaneamente. Além disso, esse processo é adaptado ao novo perfil social, cultural e político do público local. O mercado de notícias implica sua tradução para outros idiomas como requisito para sua distribuição mundial. O processo de publicação de um texto de uma agência de notícias corresponde à transição de um produto global para uma versão localizada por um meio nacional.

Por último, mas não menos importante, o conceito de *reescrita* para explicar as transformações. As reescritas são uma prática frequente no jornalismo, com e sem tradução. Hernando (1990: 57) descreve-as como um processo de produção coletiva no qual um ou vários redatores reescrevem as informações a partir dos dados fornecidos por outras fontes. Como apontam Bielsa e Bassnett (2009: 57), as reescritas jornalísticas são a forma como as notícias são disponibilizadas aos leitores de todo o mundo. A informação é reescrita para uma determinada audiência, atualizada, adaptada aos seus interesses, seguindo as normas de estilo de cada meio e as convenções jornalísticas da cultura receptora, e é marcada pelo viés ideológico do meio que a reproduz. O processo de reescrita está presente em toda produção jornalística em que a tradução está envolvida: os despachos das agências de notícias passam por um processo de reescrita no idioma local antes de serem distribuídos novamente pelos jornais, rádio e televisão (Lomheim 2002: 184); correspondentes internacionais reescrevem as notícias por meio do filtro de sua mediação intercultural (Hautanen 2008); notícias da mídia internacional traduzidas por um jornal nacional são reescritas para seus novos leitores, apenas para citar alguns exemplos (para uma descrição e classificação das diferentes reescritas jornalísticas com base na tradução, ver Hernández 2009).



Uma entrevista e sua tradução.

[voltar ao topo](#)

¶ A tradução da opinião

Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na transmissão de ideologias e identidades e na criação da opinião pública. Por trás de cada empresa de comunicação existe um

poderoso grupo económico e/ou ideológico que defende interesses particulares, que são a razão última da sua existência e o elemento central da sua estratégia empresarial. A tradução da opinião é utilizada para apoiar e reforçar a linha editorial do meio de comunicação (Hernández 2012).

As traduções de textos de opinião são, em geral, fidedignas e respeitam o estilo do autor. Os cortes são raros. Quando ocorrem, se dão, principalmente, por razões ideológicas ou de espaço e sempre em menor grau do que textos informativos. O meio exerce controle sobre as opiniões que publica; não o faz diretamente, manipulando o conteúdo dos artigos, mas indiretamente, selecionando e traduzindo as opiniões que divulga. Sua política de tradução serve para reforçar sua linha editorial com a opinião de vozes internacionais de autoridade comprovada.

Para transmitir uma corrente de pensamento, é fundamental escolher um portfólio de formadores de opinião e intelectuais. Quando essas vozes escrevem em outras línguas, os meios de comunicação as traduzem. Chegam às páginas de opinião de diferentes formas: em alguns casos, fazem parte do círculo de figuras de prestígio a quem os meios costumam solicitar seus artigos; em outros, chegam por meio de acordos com outros meios de comunicação, ou por meio de pacotes adquiridos de serviços internacionais de distribuição de artigos (*syndicates*), como [Tribune Content Agency](#), [The New York Times Syndicate](#) ou [Project Syndicate](#), entre outros.



O Project Syndicate é um exemplo claro de uma política de tradução a serviço de correntes de pensamento (Hernández 2016). Esta organização sem fins lucrativos – que se mantém com contribuições financeiras de meios e fundações de países desenvolvidos – é atualmente a maior distribuidora de artigos de opinião do mundo. Seleciona personalidades de prestígio internacional a quem solicita artigos em inglês que traduz para treze idiomas

Exemplo de reescrita baseada na tradução de um texto de opinião do jornal El País.

e distribui para mais de quinhentos meios de comunicação do planeta –nos países em desenvolvimento, gratuitamente ou com taxas reduzidas–. O Project Syndicate utiliza a tradução para tornar essas opiniões mais ressonantes, com o objetivo declarado de ajudar os leitores de todo o mundo a entender assuntos globalmente relevantes em economia, relações internacionais, ciência, meio ambiente etc. No entanto, esta organização está a serviço dos grupos de comunicação que a financiam. Funciona como uma agência mundial especializada na distribuição de opinião e divulga a mesma mensagem uniforme dos meios dominantes, a serviço da preservação do sistema socioeconómico liberal e da prevalência da cultura ocidental.

Embora os artigos de opinião se enquadrem na categoria de fontes estáveis - textos assinados, com alguns direitos autorais (*copyright*) que dificultam sua manipulação –, as seções de opinião dos meios também oferecem reescritas jornalísticas a partir da tradução que intervêm no conteúdo dos originais. Entre as mais conhecidas e estudadas estão as resenhas de imprensa (ver Martín 2003 e Guerrero 2005), um gênero menor que apresenta apenas trechos de artigos, colunas ou editoriais de outros meios, muitos internacionais. As resenhas de imprensa não são uniformes. Há aquelas que publicam um único fragmento do original, de extensão variável (um único parágrafo, ou mais de um) ou o texto com omissões importantes marcadas por sinais tipográficos que indicam tais omissões: ([...]). As resenhas da imprensa são baseadas na reescrita. Como regra geral,

menciona-se a fonte de procedência e, em alguns casos, o nome do autor, embora quase nunca o nome do jornalista/tradutor.

[voltar ao topo](#)

Potencial de pesquisa

A pesquisa em tradução jornalística é relativamente recente. Os primeiros estudos começaram no final do século XX, com um notável desenvolvimento nas duas primeiras décadas do século XXI (Valdeón 2015, [2020](#); Davier [2019](#); Hernández 2019a).

Uma parte importante da pesquisa se concentrou na tradução jornalística como produto por meio de várias análises de traduções entre vários idiomas. Existem poucos estudos sobre o processo, que poderiam fornecer informações valiosas sobre as formas de trabalho dos profissionais do setor, bem como aprofundar o perfil de quem traduz e as competências para o trabalho. Davier, Schäffner e Van Doorslaer (2018) sugerem que a análise textual por si só é insuficiente para uma compreensão profunda dos processos de tradução jornalística. Estes pesquisadores propõem abordar a tradução com uma combinação de análise textual com dados qualitativos coletados por meio de trabalho de campo. Assim, as hipóteses derivadas da análise textual poderiam ser confirmadas ou modificadas com informações em primeira mão da fonte do estudo: entrevistas semiestruturadas, observação não participante, compilação de documentos internos...

Do ponto de vista teórico, a pesquisa em tradução jornalística pode contribuir para o debate nos Estudos de Tradução em torno da noção tradicional de tradução e sua necessária expansão para incluir outros fenômenos. Práticas como transedição, reescrita... têm levado pesquisadores desta área a destacar a necessidade de ampliar ou redefinir conceitos centrais como equivalência, fidelidade ou autoria.

Por outro lado, o material jornalístico tornou-se um produto estratégico e global. Influencia as audiências, transformando sua visão de mundo, impondo esquemas culturais, representações da identidade e promovendo o surgimento de determinadas correntes de pensamento (ver Vidal [2012](#); Paula [2016](#); Páez 2017; Rodríguez 2019). Os grandes grupos de comunicação o controlam para fins comerciais, mas também ideológicos. A tradução os permite não apenas produzir novas informações, mas também crescer, atingir novos públicos e alcançar um maior impacto social. Novos estudos são necessários para

lavanguardia.com/internacional/20200127/664/accidente-avion-afghanistan-muertos.html

“Las noticias sobre el accidente de una avión de la aerolínea Ariana en los canales de noticias no son ciertas, todos los vuelos de la aerolínea Ariana operan con normalidad”, publicó la empresa en su cuenta de la red social Facebook.



Notícia de [La Vanguardia](#) com conteúdo traduzido das redes sociais.

analisar como a tradução é utilizada na configuração dos discursos veiculados pela mídia, em suas políticas, bem como as relações de poder na transmissão das mensagens jornalísticas. Sem esquecer o estudo da recepção das mensagens traduzidas, uma área praticamente inexplorada. Para tudo isso, é necessário um quadro metodológico interdisciplinar que combine os estudos da tradução com outras áreas afins, como a sociologia, a semiótica, os estudos da comunicação, os estudos culturais...

Por fim, as mudanças da era digital estão abrindo interessantes linhas de pesquisa:

- O setor jornalístico está imerso em um importante processo de transformação: surgiram novas formas de jornalismo, como o jornalismo cidadão, mídia alternativa, blogs, plataformas multimídia... São necessários estudos de caso que expliquem o papel da tradução nos novos meios.
- As empresas jornalísticas, imersas na convergência multimídia, mudaram a forma de produzir conteúdo. Esta nova realidade está redefinindo o cenário da mídia e transformando tanto o processo de produção de notícias quanto as práticas dos jornalistas (Davier & Conway 2019). Estudar como os novos modos de produção da informação afetam os processos de tradução e as estratégias utilizadas é um campo novo, pouco explorado até o momento.
- A transformação digital também levou a novas práticas discursivas na redação jornalística. A informação agora é apresentada por meio de uma combinação de texto, sons e imagens, e é constantemente atualizada. Surgiram novas convenções textuais, como a incorporação de conteúdo de redes sociais nas notícias, principalmente como citações ou declarações. Quando esses conteúdos estão em outros idiomas, são disponibilizados traduzidos e, muitas vezes, acompanhados de uma captura de tela do original, que revela aos receptores uma atividade de tradução até agora quase sempre invisível. O estudo do uso da tradução nas novas convenções textuais e no novo modelo narrativo do jornalismo multimídia é uma linha de pesquisa que está no início.

[voltar ao topo](#)

Referências



Bassnett, Susan. 2005. "Bringing the News Back Home: Strategies of Acculturation and Foreignisation". @ *Language and Intercultural Communication* 5/2, 120-130. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

* Bielsa, Esperança & Susan Bassnett. 2009. *Translation in Global News*. London: Routledge. ISBN: 9780415409728. [[+info](#)]

Clausen, Lisbeth. 2004. "Localising the Global: 'Domestication' Processes in International News Production". @ *Media, Culture & Society* 26/1, 25-44. [[+info](#)]

Cortés Zaborras, Carmen & María José Hernández Guerrero (eds.) 2005. *La traducción periodística*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha. ISBN: 8484273792. [[+info](#)]

Davier, Lucile. 2019. "The moving boundaries of news translation". @ *Slovo.ru: baltijskij accent* 10/1, 69-86. DOI: 10.5922/2225-5346-2019-1-5. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Davier, Lucile; Christina Schäffner & LucVan Doorslaer (eds.) 2018. *Methods in News Translation*. @ Special Issue of *Across Languages and Cultures* 19/2. [[+info](#)]

Davier, Lucile & Kyle Conway (eds.) 2019. *Journalism and Translation in the Era of Convergence*. Amsterdam: John Benjamins. ISBN: 9789027203151. [[+info](#)]

Espejo Cala, Carmen. 2013. "Gacetas y relaciones de sucesos en la segunda mitad del XVII: una comparativa europea". @ Cátedra García, Pedro Manuel (ed.) 2013. *Géneros editoriales y relaciones de sucesos en la Edad Moderna*, 71-88. Salamanca: SEMYR/Universidad de Salamanca. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Fujii, Akio. 1988 "News Translation in Japan". @ *Meta* 33/1, 32-37. DOI: 10.7202/002778ar. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Guerrero Moral, Elvira. 2005. "Traducción en prensa: el caso de la Revista de Prensa de *El País*". @ *Puentes* 5, 17-27. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Hautanen, Sui. 2008. *Le processus de travail d'une correspondante: une étude observationnelle*. Master's thesis. Helsinki: University of Helsinki. [[+info](#)] [[quod vide](#)]

Hernández Guerrero, María José. 2005. "La traducción de los géneros periodísticos". @ Cortés Zaborras, Carmen y María José Hernández Guerrero (eds.) 2005. *La traducción periodística*, 89-133. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha. [[+info](#)]

* Hernández Guerrero, María José. 2009. *Traducción y periodismo*. Bern: Peter Lang. ISBN: 9783034300964. [[+info](#)]

Hernández Guerrero, María José. 2010. "Las noticias traducidas en el diario *El mundo*. el trasvase transcultural de la información". @ Valdeón, Roberto (ed.) 2010. *Translating information*, 51-86. Oviedo: Universidad de Oviedo. [\[+info\]](#)

Hernández Guerrero, María José. 2012. "La traducción al servicio de una línea editorial: la primavera árabe en el diario *El País*". @ *Meta* 57/4, 960-976. DOI: 10.7202/1021227ar. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Hernández Guerrero, María José. 2016. "Traducción y opinión pública global: el caso de Project Syndicate". @ Martín Ruano, María Rosario & África Vidal Claramonte (eds.) 2016. *Traducción, medios de comunicación, opinión pública*, 53-72. Granada: Comares. [\[+info\]](#)

* Hernández Guerrero, María José. 2019a. "Journalistic Translation". @ Valdeón, Roberto & África Vidal Claramonte (eds.) 2019. *Handbook of Spanish Translation Studies*, 382-397. Oxford: Routledge. [\[+info\]](#)

Hernández Guerrero, María José. 2019b. "La traducción en las nuevas formas de periodismo". @ Montero Küpper, Silvia; Montse Vázquez Gestal & Iván Puentes Rivera (eds.) 2019. *Comunicación, Traducción e Interpretación / Communication, Translation and Interpreting*. MonTI Special Issue 5, 72-93. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Hernández Guerrero, María José. 2020. "The translation of tweets in Spanish digital newspapers". @ *Perspectives* 28/3, 376-392. DOI: 10.1080/0907676X.2019.1609535. [\[+info\]](#)

Hernando, Bernardino. 1990. *Lenguaje de la prensa*. Madrid: Eudema. ISBN: 9788477540663. [\[+info\]](#)

Lomheim, Sylfest. 2002. "Translating International News". @ *Translation: New Ideas for a New Century. Actes du 16ème Congrès mondial de la FIT*, 184-187. Paris: FIT. [\[+info\]](#)

Martín Ruano, María Rosario. 2003. "Hacia un análisis de la traducción fragmentada: el caso de las revistas de prensa". @ Muñoz Martín, Ricardo (ed.) 2003. *Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación*, 141-160. Granada: AIETI. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Orengo, Alberto. 2005. "Localising News: Translation and the 'Global-national' Dichotomy". @ *Language and Intercultural Communication* 5/2, 168-187. DOI: 10.1080/14708470508668892. [\[+info\]](#)

Páez Rodríguez, Alba. 2017. *Traducción y medios de comunicación. Violencia simbólica en la (re)escritura del universo de la mujer en las revistas femeninas españolas*. Tesis doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca. [\[+info\]](#)

Paula Batista, Renilse. 2016. *Traducción y Periodismo: la identidad brasileña en la prensa digital española El País*. Tesis doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca. [\[+info\]](#)

Pym, Anthony. 2004. *The Moving Text: Localization, translation, and distribution*. Amsterdam: John Benjamins. ISBN: 9789027216557. [\[+info\]](#)

Rodríguez Arcos, Irene. 2019. *Traducción y violencia simbólica. Post-traducciones del cuerpo femenino en los medios de comunicación*. Granada: Comares. ISBN: 9788490456866. [\[+info\]](#)

Schäffner, Christina & Susan Bassnett (eds.) 2010. *Political Discourse, Media and Translation*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing. ISBN: 9781443816779. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Stetting, Karen. 1989. "Transediting – A new term for coping with the grey area between editing and translating". @ Caie, Graham; Kirsten Haastrup & Arnt Lykke Jakobsen (eds.) 1989. *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies*, 371-382. Copenhagen: University of Copenhagen. [\[+info\]](#)

Valdeón, Roberto (ed.) 2010. *Translating Information in the Post-Industrial Society*. @ Special issue of *Across Languages and Cultures* 11/2. [\[+info\]](#)

Valdeón, Roberto. 2012. "From the Dutch Corantos to Convergence Journalism: The role of Translation in News Production". @ *Meta* 57/4, 850-865. DOI: 10.7202/1021221ar. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

* Valdeón, Roberto. 2015. "Fifteen Years of Journalistic Translation Research and More". @ *Perspectives* 23/4, 634-662. DOI: 10.1080/0907676X.2015.1057187. [\[+info\]](#)

Valdeón, Roberto. 2016. "Traducción periodística y *gatekeeping*". @ Martín Ruano, María Rosario & África Vidal Claramonte (eds.) 2016. *Traducción, medios de comunicación, opinión pública*, 35-51. Granada: Comares. [\[+info\]](#)

* Valdeón, Roberto. 2020. "Journalistic translation research goes global: theoretical and methodological considerations five years on". @ *Perspectives* 28/3, 325-338. DOI: 10.1080/0907676X.2020.1723273. [\[+info\]](#)

Verschueren, Jef. 2007. "The Interventionist Role of (Re)contextualization in Translation". @ Munday, Jeremy (ed.) *Translation as Intervention*, 71-83. London: Continuum. [\[+info\]](#)

Vidal Claramonte, África. 2012. "El lenguaje de las revistas femeninas españolas: la (no) traducción como ideología". @ *Meta* 57/4, 1029-1045. DOI: 10.7202/1021231ar. [\[+info\]](#) [\[quod vide\]](#)

Vuorinen, Erkka. 1995. "News Translation as Gatekeeping". @ Snell-Hornby, Mary; Zuzana Jettmarová & Klaus Kaindl (eds.) 1995. *Translation as Intercultural Communication*, 161-172. Amsterdam: John Benjamins. [\[+info\]](#)

Créditos



María José Hernández Guerrero

Catedrática de Traducción e Interpretación en la Universidad de Málaga. Se ha especializado en el estudio de la traducción periodística, la historia de la traducción y la traducción literaria. Aparte de diversos artículos en publicaciones nacionales e internacionales, es autora de *Marcel Schowb: Escritor y traductor* (Alfar, 2002) y *Traducción y periodismo* (Peter Lang, 2009), así como coeditora de *La traducción periodística* (Universidad de Castilla-La Mancha, 2005) y *La traducción, factor de cambio* (Peter Lang, 2008).



Júlia Vilar Diogo

Graduou-se em Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor (Inglês - Espanhol) na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de São José do Rio Preto (2020). É autora do artigo *Tradução como contrapoder: representações de gênero em webnotícias* (Tradterm, 2020). Desenvolveu o projeto intitulado "Ideologia e poder no léxico do discurso midiático: representações do gênero feminino em traduções de web notícias" sob orientação da Profa. Dra. Angélica Karim Garcia Simão no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL - UNESP/IBILCE).

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0](#)

[Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación \(AIETI\)](#)